

## Análise do discurso da charge política *Gado demais:* dos efeitos de sentidos à Psicologia das Massas e a Análise do Eu

Dayvesson Deleon Bezerra da Silva<sup>1</sup>  
Verônica Maria Brayner de Oliveira Lira<sup>2</sup>  
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a análise do funcionamento discursivo da charge *Gado Demais*, de Vitor Teixeira, publicada nas redes sociais, em 2019. Trata-se da aplicação teórico-metodológica da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), com o objetivo de analisar os sentidos mobilizados pelo cartunista para elaboração de uma crítica política aos apoiadores e ao atual governo brasileiro. São observados, nesta análise, os movimentos de desidentificação e identificação em formações discursivas opostas, no âmbito da política, bem como, os deslizamentos de sentidos e a operacionalização da metáfora na ressignificação do já-dito. Os efeitos de sentidos e suas relações com o interdiscurso são remetidos aos pressupostos da obra *Psicologia das massas e análise do eu*, de Sigmund Freud, escrita em 1921. Das reflexões, instigantes pela atualidade dos aspectos abordados, interessa-nos, particularmente, o diálogo crítico que Freud estabelece com a Psicologia social e a Antropologia para introduzir proposições da psicanálise na compreensão da psique das massas. Para tanto, utiliza-se o gesto de interpretação que busca na discursividade da charge a sua dinâmica relacional com um processo discursivo que lhe antecede.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Charge política; Psicologia das massas.

### Introdução

A charge é um gênero textual caracterizado pela imbricação entre o humor e a crítica, sob o domínio da criatividade, e, portanto, um espaço possível de ruptura de processos reiterados produzidos pela linguagem. Instaura-se, assim, o nosso interesse em trazer o aporte teórico e metodológico da Análise de Discurso de Linha Francesa pecheutiana (AD) para

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista pela Fundação Antônio dos Santos Abranches. Desenvolvendo sua pesquisa de doutoramento a partir da análise discursiva de autobiografias de sujeitos privados de liberdade, estudantes da EJA, do Estado de Pernambuco sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo. E-mail: ddayvesson@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-9123-9049>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Administração Rural e Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora dos Cursos de Graduação em Publicidade e Jornalismo, e atua na gestão universitária na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: veronica.brayner@unicap.br. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-1737-1847>.

<sup>3</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora/Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. Coordenadora do Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-6425-2846>.

análise dos sentidos diferenciados, aqueles cujo processo criativo faz irromper na charge *Gado Demais*, de Vitor Teixeira, veiculada nas redes sociais, em 2019.

A AD “difere a produtividade da criatividade, posto que a primeira é uma ratificação do que é possível dizer, e a segunda desafia a lógica do possível para dizer diferente” (ORLANDI, 2000, p. 37). É na perspectiva de ultrapassar as evidências sobressaltadas na literalidade da charge, remetendo-as às suas relações com a história e a língua, que entendemos, neste trabalho, a charge como discurso e o cartunista como sujeito constituído pela interpelação da ideologia. Com o intuito de situar as condições de produção do discurso, inserimos um recorte de uma entrevista cedida pelo cartunista a um blog de notícias.

Por meio do gesto de interpretação, na posição de analista do discurso, e considerando que a charge faz significar e ressignificar sentidos em torno do já-dito sobre o fenômeno das massas, remeteremos esses efeitos que atravessam o discurso a uma exterioridade específica, à obra *Psicologia das Massas e análise do eu*, de Sigmund Freud. Publicada em 1921, a reflexão de Freud sobre fenômenos que se estabelecem em um agrupamento de indivíduos mantém diálogo crítico com obras clássicas de autores que se debruçaram a respeito da questão, destacando-se, porém, os livros *Psicologia das Multidões*, de Gustave Le Bon, e *A Mente Grupal*, de Willian McDougall. Embora tenha sido concebida na segunda década do século XX, a *Psicologia das massas e análise do eu* nos fornece elementos relevantes para a compreensão de fatos da atualidade, mesmo que as massas contemporâneas sejam impactadas, ou até mesmo gestadas, pelos meios tecnológicos e, por isso, apresentem especificidades não contempladas, evidentemente, nas proposições freudianas.

Assim, o desenvolvimento da nossa análise está organizado nos seguintes tópicos: Da direita para a esquerda: os contextos e movimentos que constituem o sujeito; A materialidade discursiva; Os efeitos de sentido do título e a alma coletiva das massas; Os deslizamentos de sentidos e a atuação do Eros nas massas; Processos parafrásticos e polissêmicos e a submissão das massas ao pai da horda e, finalmente, as considerações finais.

### **Da direita para a esquerda: movimentos e contextos que constituem o sujeito**

Ao considerarmos que os efeitos de sentido que atravessam o discurso são afetados pelas condições nas quais os dizeres são produzidos, temos que situar, conforme aponta

Orlandi, o “contexto em sentido estrito (as circunstâncias imediatas) e contexto em sentido lato (as determinações histórico-ideológicas)” (ORLANDI, 2014, p. 14), nos quais o cartunista produziu a charge.

Vitor Teixeira é natural da cidade de São Paulo e ocupa uma posição de visibilidade no atual cenário brasileiro de autores de charges, sobretudo, de cartuns na área da crítica política (TEIXEIRA, 2016). Em entrevista ao *Brasil de Fato*, site engajado politicamente pela democratização dos meios de comunicação e cujo posicionamento editorial enseja a contribuição “no debate de ideias e análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país” (BRASIL DE FATO, 2019, n. p.), Vitor relata sua trajetória, mais precisamente sua filiação política, o que caracteriza a sua adesão a uma determinada formação discursiva, que afeta e dá sentido às suas ilustrações e, ao mesmo tempo, demarca a sua correspondência com uma formação ideológica específica.

Sobre formação discursiva, Pêcheux afirma que se trata daquilo que, a partir de uma situação social e histórica, “*determina o que pode e deve ser dito* (articulado sob forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)” (PÊCHEUX, 2014, p. 147, grifo nosso). A formação discursiva, que manifesta a formação ideológica do sujeito do discurso, define-se a partir do interdiscurso, ou seja, a partir de um “conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer” (ORLANDI, 2001, p. 59). Assim, transcrevemos, a seguir, um recorte da entrevista, com o intuito de acentuar a reflexão sobre as condições de produção do discurso, aqui considerado a partir da discursividade da charge *Gado Demais*.

O cartunista Vitor Teixeira iniciou a vida profissional desenhando estampas para a indústria têxtil, após se formar em Design gráfico. Com as Jornadas de Junho em 2013, cansado de ter o trabalho subutilizado e com um desejo de publicar trabalhos autorais, Vitor começou a divulgar as primeiras charges e logo ganhou notoriedade na internet. Com pouco contato com os movimentos populares e tendo estudado em escola particular, o cartunista assume: “Eu era um coxinha. A verdade é essa”. Ele já vinha cultivando uma simpatia pela política de esquerda desde 2011, mas foi após o sucesso da página no Facebook que ele entrou em contato com as organizações populares para oferecer o trabalho. “Nesse processo todo eu fui me aperfeiçoando, me politizando, compreendendo cada luta e suas especificidades, lendo muita história para me aprofundar mais. É papel de todo comunicador e artista que tem um trabalho opinativo se manter informado, afirmou o cartunista, em entrevista para o Brasil de Fato (TEIXEIRA, 2016, n. p.).

Observamos um movimento de desidentificação e identificação do sujeito do discurso com formações discursivas de posicionamentos políticos distintos, situados em visões políticas de direita e de esquerda. Tal movimento implica na compreensão da dinâmica dos sentidos, dos já-ditos, constituídos pelo trabalho da ideologia, que se instalam nas formações discursivas como simulação de evidências e que vão se “instaurando na sociedade por meio de interpelação-identificação-desidentificação de saberes historicamente constituídos, inerentes a uma formação discursiva específica” (AZEVEDO, 2014, p. 146).

Desta forma, resgatemos o dizer do cartunista que remete ao seu afastamento da ideologia de direita e sua aproximação ideológica com a esquerda e traz o efeito de sentido de arrependimento e confissão: “Eu era coxinha. A verdade é essa.” (TEXEIRA, 2016, n. p.). A utilização da gíria “coxinha”, termo pejorativo que, conforme imaginário social, dentro da formação discursiva da esquerda, designa pessoas que se vinculam a projetos políticos de elite, alienadas, descompromissadas com a justiça social, está imbuído de ironia e desprezo pelo próprio posicionamento assumido no passado. Porém, na sequência discursiva da jornalista que antecede o dizer do cartunista, há uma preparação para dar sentido a uma postura de alienação e elitismo quando se refere ao fato de que antes do engajamento político com a esquerda, o cartunista mantinha pouco contato com os movimentos populares e havia estudado em escola particular.

Nesse caso, o discurso remete à alienação e, por conseguinte, à condição de “coxinha”, ao distanciamento das causas dos movimentos sociais e à condição socioeconômica, dita privilegiada, por ter acesso ao ensino privado. Ainda, a elaboração discursiva da jornalista, com intuito de demarcar a mudança ideológica do entrevistado, conduz argumentos para desidentificação com a formação discursiva de direita, na perspectiva de novas experiências de vida, a exemplo da participação do cartunista na Jornada de Junho de 2013, manifestações populares desencadeadas em todo o país que contestaram o aumento das tarifas dos transportes públicos, e da simpatia pela política de esquerda desde 2011, sem, no entanto, pontuar os fatores que despertaram a citada inclinação. Porém, podemos refletir sobre a descontinuidade no discurso de aproximação com a formação discursiva de esquerda pelo viés dos argumentos de “simpatia”, ou mesmo pela experiência da Jornada de Junho de 2013, que, aliás, caracterizou-se por um certo apartidarismo, visto que houve um impulsionamento pelas redes sociais sem uma explícita atuação de partidos políticos de esquerda ou de direita.

Em dado momento da narrativa jornalística, mais especificamente na sequência diz-se cansado de ter o trabalho subutilizado e com um desejo de publicar trabalhos autorais, a insatisfação pessoal com o trabalho na indústria têxtil e o êxito das charges no Facebook, a partir das demandas de organizações sociais, apontam para razões contundentes na identificação com a formação discursiva de esquerda. Na sequência discursiva: “Nesse processo todo eu fui me aperfeiçoando, me politizando, compreendendo cada luta e suas especificidades, lendo muita história para me aprofundar mais. É papel de todo comunicador e artista que tem um trabalho opinativo se manter informado” (TEIXEIRA, 2016, n. p.), o dizer do cartunista opera, novamente, o sentido de alienação e descompromisso com a justiça social que o constituía enquanto “coxinha”. Assim, foi necessário se politizar, visto que antes não tinha consciência política, desconhecia as lutas sociais e a história, bem como era desinformado. Tais condições, novamente alçadas ao passado, pertencem, dentro da formação discursiva de esquerda, às representações das características de pessoas de direita. Diante disso, a charge a ser analisada foi produzida por um cartunista vinculado à formação discursiva de esquerda, cujos trabalhos são de natureza política e publicados em redes sociais que fazem oposição ao atual governo do Brasil.

Segundo Orlandi (2000, p. 39), as condições de produção dizem respeito às formações imaginárias, sendo elas: as relações de sentidos, a antecipação e as relações de forças. A expressão *Gado Demais* não inaugura nem encerra em si um sentido, mas estabelece com outros dizeres uma relação que lhe garante significar.

A partir da formação discursiva de esquerda, aqui analisada, *gado* relaciona-se com o sentido de alienação, mais precisamente, de pessoas alienadas, facilmente influenciáveis, despolitizadas, em virtude da desinformação e da falta de conhecimento sobre a história. Por sua vez, o chargista, ao estabelecer o título, coloca-se no lugar do seu público leitor, formado por leitores de redes sociais que veiculam críticas políticas ao governo e aos partidos de direita, e antecipa-se assim quanto ao efeito que produzirá. O sentido e o efeito sobre os leitores, no entanto, obtêm determinada legitimidade em função do que se denomina relações de força. Desse modo, podemos afirmar que o dizer de Vitor Teixeira também é constituído do lugar de onde ele fala, ou seja, da posição de cartunista, crítico político, reconhecido no âmbito de sua atuação.

## A materialidade discursiva

Apresentamos aqui a materialidade da charge *Gado Demais*, que receberá reflexões teóricas e tratamento metodológico da AD, enquanto linguagem que se estabelece como processo discursivo (SANTOS, 2017). As charges são um gênero textual, com marcas da linguagem verbal e não verbal, que repercutem efeitos de sentidos advindos de “dizeres outros, deslocados e ressignificados no fio interdiscursivo, presentificando fatos e discursos que se deram em outros contextos históricos que vão além da literalidade do dizer” (CAVALCANTI; AZEVEDO, 2018, p. 251). Desse modo, é na fertilidade da produção criativa de sentidos que partiremos da materialidade da charge para o discurso do sujeito enquanto resultado dos processos ideológico e discursivo.



**Fig. 1** *Gado demais*. Charge publicada por Vitor Teixeira em 26 de maio de 2019. Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/vitor/gado-demais/>. Acesso em: 13 dez. 2021.

## Os efeitos de sentido do título e a alma coletiva das massas

É sabido que os títulos de textos, ilustrações, audiovisuais, dentre outros, objetivam nortear o olhar do interlocutor para o eixo central do dizer e, no caso em questão, resume a mensagem emitida pelo chargista. Ao nomear a charge de *Gado Demais*, percebemos o



funcionamento da repetição que, conforme Indursky, ocorre no âmbito de algumas práticas discursivas e se trata de “discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos e regularizados” (INDUSRSKY, 2011, p. 71). Se aplicarmos uma paráfrase na gíria *gado*, podemos apreender os mesmos sentidos com a utilização da expressão *massa de manobra* para designar pessoas que são manipuladas por outras.

Os efeitos produzidos por tais expressões pertencem à memória política e social que marca a história da humanidade e os seus processos de dominação e resistência. São sentidos que se repetem a partir da relação com a exterioridade e que são mobilizados por formações discursivas distintas em contexto de disputa ideológica e de poder.

Observamos que formações discursivas distintas mobilizam expressões que remetem ao sentido de um conjunto de pessoas que são manipuladas para aderir e defender determinadas ideias ou ideais, sem o devido conhecimento das causas defendidas, o que equivale ao efeito produzido por *gado*, *massa de manobra*, *manada*, *idiotas úteis*, dentre outras, que significam em função de um já-dito sobre a manipulação das massas. É possível encontrar nos discursos de direita, a exemplo da fala de Fernando da Silva, no blog *O Fato*, a expressão *massa de manobra* para caracterizar os agricultores que integram o MST que seriam manipulados com o financiamento de recursos públicos, por intelectuais e espertos (SILVA, 2019), bem como, no discurso de esquerda, a gíria *gado* para caracterizar os apoiadores do atual governo, conforme demonstra o nosso objeto de análise.

Impacta sobre os sentidos que circulam nesses discursos, de um lado ou de outro, a condição dos integrantes das massas enquanto indivíduos pertencentes a um conjunto de pessoas alienadas, subtraídas da realidade e propensas a serem utilizadas a favor de interesses alheios. Freud, ao citar um dos pressupostos de Le Bon sobre a obediência das massas a um líder, traz à discussão a afirmação de que: “a massa é um rebanho obediente, que nunca pode viver sem senhor. Ela tem tal sede de obedecer que se subordina instintivamente a qualquer um que se nomeie seu senhor” (FREUD, 2019, p. 55). No entanto, Freud, apesar de reconhecer acertos na afirmativa de Le Bon, faz aprofundamentos sobre a relação e o funcionamento psíquico da massa com o líder, assunto a ser tratado mais adiante neste trabalho.

A obediência cega ao líder ou à ideia que mantém a massa de maneira homogênea em seu entorno suscita a reflexão sobre alterações no comportamento do indivíduo, se isolado, e

se membro da massa. Freud afirma que a mudança que ocorre no indivíduo é o objeto de interesse da psicologia das massas (FREUD, 2019, p. 40), e recorre à elaboração de Le Bon para evidenciar afinidades entre o embasamento teórico que sustenta as considerações sobre a massa psicológica e os estudos que ele descreve como pressupostos fundamentais da psicologia profunda. Desse modo, para efeito da presente análise, extraímos parte das ponderações de Le Bon acionadas por Freud:

O que há de mais singular numa massa psicológica é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes ou dessemelhantes que sejam seus modos de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, a mera circunstância de sua transformação numa massa lhe confere uma alma coletiva, graças à qual sentem, pensam e agem de modo inteiramente diferente do que cada um deles sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Há ideais e sentimentos que só surgem ou se transformam em ações nos indivíduos ligados numa massa (FREUD, 2019, p. 41).

Podemos inferir que o *gado*, a que se refere o cartunista, e que ora remetemos ao sentido de massa, teria uma alma coletiva, o que apagaria as singularidades, as características comportamentais peculiares dos indivíduos, conferindo-lhes sentimentos, pensamentos e ações unívocas, automatizadas por um algo em comum que os move e suplanta suas idiossincrasias.

Ao referir-se ao caráter médio que se desenvolve nos integrantes da massa, Freud apresenta os três fatores por meio dos quais Le Bon explica a ascensão do fundamento inconsciente, similar em todos os indivíduos, sobre as aquisições individuais, o desenvolvimento individual e, portanto, diverso da superestrutura psíquica de cada um (FREUD, 2019, p. 43). Então, a massa, aqui remetida ao sentido de *gado*, ao agir enquanto rebanho, é acometida, segundo a perspectiva leboniana, pelo sentimento de poder invencível, pelo contágio e pela sugestibilidade. O primeiro fator refere-se ao encorajamento que envolve o indivíduo da massa e desperta o “sentimento de poder invencível que lhe permite entregar-se a instintos [Triebe], que sozinho, necessariamente teria refreado” (FREUD, 2019, p. 43). Freud, porém, ao mesmo tempo que concorda sobre esse desprendimento, cujo anonimato e o caráter de irresponsabilidade que caracteriza a massa anula o senso de responsabilidade que permitiria estancar ímpetos, desloca essas qualidades descritas por Le Bon ao que as suas investigações já haviam tratado e sugere:



Bastaria que disséssemos que na massa o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem se livrar dos recalamentos de suas moções de impulso inconscientes. As qualidades aparentemente novas que ele então mostra são justamente as manifestações desse inconsciente, que, afinal, contém tudo o que há de malvado na alma humana (FREUD, 2019, p. 44).

Freud, ainda, enfatiza que a abordagem de Le Bon a respeito da perda do sentimento de responsabilidade do indivíduo da massa é uma constatação que vai ao encontro de suas tratativas, há muito desenvolvidas, nas quais afirma que o núcleo da consciência moral é o “medo social” (FREUD, 2019, p. 44). O contágio, por sua vez, em sendo outro atributo característico da massa, é responsável pelo compartilhamento e a vivência dos indivíduos dos mesmos sentimentos e dos mesmos atos. Le Bon entende que esse processo contagioso se dá com tal intensidade que o concebe enquanto um tipo de comportamento hipnótico, relacionando-o à sugestionabilidade, fator que considera o mais importante dentre aqueles que caracteriza a massa e do qual o contágio seria um efeito. Sobre a sugestionabilidade, Freud dá voz a Le Bon:

Para compreender esse fenômeno cabe ter presentes certas descobertas recentes da fisiologia. Sabemos agora que, mediante procedimentos variados, um ser humano pode ser colocado num estado tal que, depois de perder sua inteira personalidade consciente, obedeça a todas as sugestões daquele que o privou dela e cometa os atos mais contrários ao seu caráter e aos seus hábitos (FREUD, 2019, p. 45).

Voltemos aos efeitos mobilizados no título *Gado Demais* e que, se lançados aos pressupostos de Le Bon, trazidos à baila por Freud, sobre a natureza da massa psicológica, apontam para o sentido de agrupamento de pessoas possuídas pelo domínio do inconsciente, ou seja, desarraigadas de suas personalidades conscientes, capazes de pensar e agir insufladas pela sugestão e pelo contágio, e de se abster da consciência moral, ou do medo social, na perspectiva freudiana.

Usemos, para tanto, a imagem de um rebanho, animais irracionais, que caminha de forma coesa sobre o pasto e que age de acordo com os comandos de um certo condutor. Apesar de não contestar as qualidades da massa presumidas por Le Bon, Freud faz observação sobre a diferença instalada na essência do contágio e da sugestionabilidade, visto que entende que os atos contagiosos são manifestações advindas das sugestões que se abatem sobre os

indivíduos da massa. Também, chama a atenção para o fato de que Le Bon não explicita as consequências de ambos os fatores e propõe “relacionar o contágio com o efeito de cada um dos membros da massa sobre os outros, enquanto os fenômenos de sugestão na massa, equiparados aos fenômenos da influência hipnótica, remeter a uma outra fonte” (FREUD, 2019, p. 47).

Freud, ao dizer sobre “uma outra fonte”, na verdade, imprime uma crítica à ausência de uma discussão sobre o papel fundamental do hipnotizador na exposição de Le Bon acerca da sugestionabilidade (FREUD, 2019, p. 48). E, ao avançar a análise sobre as proposições lebonianas, especificamente no que diz respeito à compatibilização feita por Le Bon entre a psique da massa e o funcionamento psíquico dos primitivos e das crianças, Freud afirma que “não há nessa descrição qualquer traço cuja derivação e acomodação causasse dificuldades aos psicanalistas” (FREUD, 2019, p. 49). Assim, ele evoca, mais uma vez, estudos já realizados no âmbito da psicanálise.

Para Freud, as características de impulsividade, instabilidade e irritabilidade, em função da afetação absoluta do inconsciente sobre o indivíduo, bem como a crença desmedida, sem o exercício da ponderação lógica, na autoridade que comanda esse indivíduo da massa, dentre outros, são elementos que conferem respaldo à semelhança da psique da massa com aquela dos primitivos, enfatizada por Le Bon. Sobre a convivência pacífica, de ideias antagônicas no seio da massa, sem que incorra, a partir de ponderações lógicas, certos conflitos, Freud afirma que “o mesmo é o caso na vida psíquica inconsciente dos indivíduos, das crianças e dos neuróticos, como a psicanálise há muito já demonstrou” (FREUD, 2019, p. 52).

Refere-se, ainda, às considerações de Le Bon sobre a influência das palavras e seus efeitos alucinadores que provocam na massa, assim como o apego dos indivíduos da massa às ilusões e suas indiferenças à verdade, posto que o irreal se sobrepõe à realidade, tal qual apontam os seus estudos:

Esse predomínio da vida da fantasia e da ilusão sustentada pelo desejo irrealizado foi indicado por nós como determinante para a psicologia das neuroses. Descobrimos que para os neuróticos não vale a prosaica realidade objetiva, e sim a realidade psíquica. Um sintoma histerico se baseia numa fantasia, em vez de na repetição de uma experiência real; uma consciência de culpa neurótico-obsessivo, no fato de uma má intenção que nunca chegou a ser executada. Sim, como no sonho e na hipnose, na atividade psíquica da

massa a prova da realidade recua diante da força das moções de desejo afetivamente investidas (FREUD, 2019, p. 54).

Segundo Freud, das teses defendidas por Le Bon sobre a psique das massas, aquelas relacionadas ao inconsciente e à comparação com a vida psíquica dos primitivos destacam-se como próprias do autor, visto que outras ele atribui a Scipio Sghele, psicólogo, sociólogo e criminalista. De todo modo, para compreensão dos sentidos que circulam na charge analisada, é absolutamente fundamental o diálogo crítico que Freud estabelece com a obra de Le Bon. E por fim, para concluir as ponderações sobre o título, ressaltamos que o emprego do advérbio de intensidade *demais* instaura um efeito adicional ao sentido de *gado*, pertencente, no caso, à matriz de significações da formação discursiva de esquerda, estabelecendo, pelo viés da ironia, a referência aos apoiadores do governo atual enquanto *alienados ao extremo, imensamente manipulados*.

### **Os deslizamentos de sentidos e a atuação do Eros nas massas**

Na centralidade da charge, sobressai a aplicação de metáfora ilustrada que substitui a representação de um boiadeiro por um pato amarelo usando chapéu e berrante, elementos do estereótipo do profissional responsável pelo manejo e pela condução de um rebanho. Assim, a transferência de sentido dá-se da figura do boiadeiro para o pato amarelo, símbolo da campanha deflagrada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), no dia 1º outubro de 2015, contra a criação de novos impostos e a volta da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), durante o governo de Dilma Rousseff.

O pato amarelo, que se tornou ícone das manifestações de direita em oposição ao governo petista, sendo um dos símbolos de referência dos movimentos em apoio à destituição de Dilma da presidência da república, no ano de 2016, retorna na crítica da esquerda ao atual governo, vinculado à direita, conforme observado na charge. Assim, para a AD, a noção de efeito metafórico é um dispositivo analítico do discurso (ORLANDI, 1996, p. 79) que vem nos permitir analisar o deslizamento de sentido impactado no pato amarelo, de uma formação discursiva para outra. O efeito metafórico está intrínseco ao modo de operar do processo

discursivo em sua relação com a ideologia (ORLANDI, 1996, p. 81). Nessa direção, Pêcheux havia postulado que

as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 2014, p. 146).

Enquanto apropriação do discurso de direita, o pato amarelo apontou para o sentido de sacrifícios financeiros da população brasileira em função da má gestão do governo de Dilma no que se refere ao ajuste fiscal, para controle das contas públicas. Em materiais de divulgação da campanha foi utilizado o título *Não Vou Pagar o Pato* que remete à expressão popular *pagar o pato* e que, por sua vez, carrega o sentido de *fazer papel de tolo e ser responsabilizado por um ato que não cometeu*. Parafraseando o título utilizado pela Fiesp, podemos dizer que o apelo publicitário visou suscitar nos cidadãos o efeito de que eles iriam arcar com as consequências da incompetência administrativas do governo federal, por meio de aumento de impostos. O sentido mobilizado pela Fiesp e agregado à figura do pato amarelo, conforme observado na publicidade da campanha, repercutiu em um efeito de conscientizar a população, ao passo que, quando deslizado para uma matriz de sentido oposta, especificamente na charge analisada, pertencente à formação discursiva de esquerda, o sentido do pato amarelo ressignificou em direção ao efeito de manipular as pessoas a partir dos interesses do poder econômico representado pelos empresários da indústria. Esse movimento de ressignificação ocorre, então, pelo deslizamento de sentidos de uma formação discursiva para outra, conforme afirmam Indursky, Mittmann e Ferreira.

Faz-se necessário perceber que os sentidos, pelo trabalho que se instaura sobre a Forma-Sujeito, podem atravessar as fronteiras da FD onde se encontram, e deslizarem para outra FD, inscrevendo-se, por conseguinte, em outra matriz de sentido. Ao migrarem, esses sentidos passam a ser determinados por outras relações com a ideologia. Essa movimentação nas filiações dos sentidos só é possível porque, ao migrarem, esses sentidos ressignificam (INDURSKY; MITTMANN; FERREIRA, 2011, p. 71).

Na charge, o pato amarelo passa a significar o poder econômico hegemônico, do qual é revestido os integrantes da FIES, que comanda o *gado*, apoiadores da direita e do atual governo, em direção à manutenção do *status quo*. Na caricatura, adornos na camisa do pato amarelo, como o bótomo em destaque no lado esquerdo nas cores verde e amarelo com a inscrição da palavra mito, e outro bótomo menor, no lado direito, com as cores da bandeira dos Estados Unidos, somado a uma braçadeira com o desenho da suástica, acionam o sentido de que o pato amarelo, enquanto boiadeiro que conduz o *gado*, o faz segundo sua filiação ideológica ao governo de Jair Bolsonaro, visto que os símbolos que carrega fazem relação com a imagem política de Bolsonaro.

Neste ponto, ao sublinharmos o sentido de uma liderança sobre o *gado*, que perpassa pelo discurso do chargista, cabe-nos retornar às reflexões críticas desenvolvidas por Freud, especificamente àquelas nas quais são constatadas a ausência de pressuposto teóricos sobre tipologias das massas com líder e das massas sem líder. Ao desenvolver suas análises sobre massas artificiais, conforme recorte justificado pelo seu interesse e que detém certa complexidade em função das características de organização e durabilidade, ele elege a Igreja e o Exército como objetos de observação para discorrer sobre a importância do líder na coação externa para manutenção do funcionamento dessas massas. A condição de artificial se compatibiliza, segundo Freud, com a característica de estável, que é observada em algumas massas e difere de outras mais efêmeras. Dessa forma, a partir das duas instituições analisadas, ele diz que

tanto na Igreja – podemos com vantagem tomar a Igreja Católica como modelo – quanto no Exército, por mais diferentes que ambos possam ser sob outros aspectos, vige a mesma miragem (ilusão) de que há um chefe – na Igreja Católica, Cristo, e no Exército, o general – que ama todos os indivíduos da massa com o mesmo amor. Tudo depende dessa ilusão; se ela fosse abolida, tanto na Igreja quanto no Exército, até o ponto que a coação externa permitisse, se desagregariam de imediato (FREUD, 2019, p. 79).

Para melhor compreensão das ponderações de Freud acerca do líder nas massas artificiais, faremos um retorno à noção de sugestionalidade, adicionando a crítica desenvolvida por ele aos estudos, no âmbito da psicologia e da sociologia, que abordaram a questão da sugestão. Ao passo que constata que a sugestionalidade apresenta-se como “um fenômeno primordial não redutível, um fato fundamental da vida psíquica humana” (FREUD,

2019, p. 71), acena para a limitação da abordagem teórica, pois “não se conseguiu encontrar uma explicação sobre a natureza da sugestão, isto é, sobre as condições sob as quais se produzem influências sem fundamentação lógica suficiente” (FREUD, 2019, p. 73), retornando à ideia de que a massa se deixa contagiar e suggestionar desprovida de senso crítico, de ponderação lógica em torno das ideias que adere. Então, Freud insere o conceito psicanalítico de libido, enquanto “energia, considerada como grandeza quantitativa – ainda que por ora não mensurável, daqueles impulsos que têm a ver com tudo o que podemos reunir na categoria amor” (FREUD, 2019, p. 75), para responder sobre a essência propulsora que move o vínculo das massas com o líder, mas também com os outros integrantes, partícipes das massas. Ao enfatizar o seu entendimento ampliado do amor, afirma:

O núcleo do que chamamos amor naturalmente é constituído por aquilo que de hábito é chamado como tal e por aquilo que cantam os poetas, o amor sexual com a meta da união sexual. Mas não separamos disso outras coisas que também tomam parte no termo “amor”; por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor parental e o amor filial, a amizade e o amor universal ao próximo, e tão pouco a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas (FREUD, 2019, p. 74).

E, assim, explica a coesão da massa a partir das ligações emocionais, do Eros, e o fenômeno da suggestionabilidade, que implica na renúncia de individualidades, ao amor partilhado entre os integrantes da massa. Podemos nos reportar ao que é compreendido no senso comum, quando se liga, necessariamente, o amor por um outro a renúncias pessoais. Para Freud, o amor ao líder provém do amor entre os liderados, a exemplo do que constata na Igreja, em que os católicos são unidos pelo amor a Cristo, e no Exército, lugar de companheirismo entre soldados, reunidos no amor ao general.

Para ratificar a relevância da estrutura libidinosa das massas artificiais, do movimento que se dá entre o sentimento amoroso dos indivíduos pelo líder ao mesmo sentimento desenvolvido uns pelos outros, Freud ressalta que “com o fim da ligação ao líder, também acabam – em geral – as ligações recíprocas entre os indivíduos da massa. A massa se desfaz como uma garrafinha bolonhesa da qual se quebrou a ponta” (FREUD, 2019, p. 87). Por outro lado, ao abordar a tipologia das massas sem líder, Freud coloca em questão a possibilidade de substituição do líder por uma ideia ou por uma obstinação que seja comum a um grupo de



pessoas. Nesse caso, a referida tendência compartilhada encontraria sustentação em um líder secundário, e o desamor poderia ser um elo entre os membros da massa.

O líder ou a ideia condutora também poderiam se tornar negativos, por assim dizer; o ódio a determinada pessoa ou instituição poderia atuar da mesma maneira unificadora que a afeição positiva e produzir ligações emocionais semelhantes (FREUD, 2019, p. 91).

Na conjuntura política brasileira, formações ideológicas de direita desenvolveram posicionamento denominado de antipetismo, cujo pilar principal é a rejeição que se corporifica em repulsa ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Observa-se que tais posições contrárias ao Partido dos Trabalhadores (PT) e seu principal líder agruparam pessoas a partir do sentimento de aversão, de ódio, e fizeram surgir o bolsonarismo, protagonizado pelas ideias antipetistas de Jair Bolsonaro, que representa para seus apoiadores uma espécie de herói, o mito que venceu e tirou o PT do poder.

Na charge, os bótons e a braçadeira do pato amarelo mobilizam representações bolsonaristas e demarcam a liderança do atual presidente sobre o *gado*. Se considerarmos as discursividades presentes na charge e as perspectivas freudianas sobre a liderança e os liderados da massa, podemos apreender o sentido de que a FIESP é o boiadeiro que dirige o rebanho, em defesa de seus interesses econômicos, utilizando-se do fascínio, enquanto resultado da relação hipnótica, que Bolsonaro exerce sobre o *gado*. Freud, em referência a outros estudos que vislumbraram o funcionamento da hipnose e do hipnotizador na formação comportamental das massas, assegura que

a hipnose não é objeto de comparação com a formação das massas porque é, antes, idêntica a ela. Da complicada estrutura da massa, ela isola para nós um elemento, o comportamento do indivíduo da massa em relação ao líder (FREUD, 2019, p. 116).

Porém, antes do fascínio que induz à submissão irrestrita ao líder, antes do desenvolvimento da relação libidinosa, amorosa, dos integrantes das massas com o líder, Freud pontua que há um processo de identificação. Ao reconhecer que a identificação se revestia de um desafio para as investigações da psicanálise, admite, porém, que se trata da

“manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na pré-história do complexo de Édipo” (FREUD, 2019, p. 98).

Na medida em que desenvolve tipos possíveis de identificação, conclui que aquela que detém uma característica afetiva em comum e que ocorre entre os componentes da massa equivale à mesma que se processa desses componentes em direção ao líder. Assim, tanto a identificação dos indivíduos da massa entre si quanto a dos indivíduos com o líder ocorre a partir de um traço em comum, e “quanto mais significativa for essa característica em comum, tanto mais bem-sucedida poderá se tornar essa identificação parcial, e, assim, corresponder ao começo de uma nova ligação” (FREUD 2019, p. 103). O vínculo afetivo, então, decorre da identificação e, por meio dela, se fortalece. Quando cita a obra de McDougall, *A Mente Grupal*, Freud faz, dentre outras, referência aos impactos da afetividade sobre o intelecto dos integrantes da massa e afirma que o autor não refutou estudos anteriores sobre a questão.

McDougall tampouco contradiz a tese de inibição coletiva da inteligência na massa (*ibid.*, p.41). Ele afirma que as inteligências inferiores arrastam para seu nível as superiores. Estas são inibidas em sua atividade porque a intensificação da afetividade em geral produz condições desfavoráveis para o trabalho intelectual correto e, além disso, porque os indivíduos são intimidados pela massa e seu trabalho de pensamento não está livre, e porque em cada indivíduo diminui a consciência da responsabilidade pelos seus atos (FREUD, 2019, p. 65).

Assim, os sentidos que circulam na charge, elaborados a partir de uma formação discursiva de esquerda, sustentados pelo interdiscurso, trazem efeito de uma massa absolutamente manobrada, *Gado Demais*, pela liderança de Jair Bolsonaro, que representa os interesses da elite econômica do país.

### **Processos parafrásticos e polissêmicos e a submissão da massa ao pai da horda**

Passaremos a analisar a continuidade da ilustração, constituída da caricatura de um sanduíche, que faz relação direta com a literalidade textual da frase inserida no balão da charge, simulando o significado do som que emana do berrante. Ao remeter o texto verbal e não verbal à condição de discurso, pelo diálogo com o já-dito, observamos que na sequência discursiva “o almoço tá servido, robizada! X-pasto pra geral!” (TEIXEIRA, 2019, n. p.), bem

como a imagem de um pão recheado com capim, o cartunista insere, na sua criação, os recursos da polissemia e da paráfrase.

Orlandi, ao considerar a linguagem na esfera discursiva, diz que “é difícil traçar limites estritos ente o mesmo e o diferente. Daí consideramos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos.” (ORLANDI, 2000, p. 36). Assim, ao utilizar a expressão *robozada*, o cartunista acessa a memória sobre a polêmica relativa à utilização de robôs nas redes sociais, pelos partidários de Jair Bolsonaro, para disseminar notícias falsas, as ditas *fakenews*, e que seriam amplamente compartilhadas por todos os seus apoiadores. Dessa forma, a polissemia instalada em *robozada* mantém o sentido metafórico de *gado*, pertencente ao imaginário partilhado pela matriz de sentido da esquerda para designar adeptos da direita, enquanto indivíduos irracionais que defendem interesses de uma elite da qual não fazem parte, e soma a esse sentido, por meio de uma atualização no âmbito da história, considerando a contemporaneidade das novas tecnologias, o efeito parafrástico de que são disseminadores automáticos e crédulos em fatos que não correspondem à realidade. Sobre o trabalho da paráfrase e da polissemia no discurso, Orlandi ressalta que

a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois os se sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentidos no mesmo objeto simbólico (ORLANDI, 2000, p. 38).

Os efeitos produzidos pela polissemia presente na expressão *robozada*, faz-nos retornar ao que tratamos sobre a qualidade de credulidade, de extremo caráter influenciável das massas, advinda da sugestionabilidade exercida pelo líder sobre membros das massas e que igualmente se processa entre os membros, sob a regência de um estado afetivo, libidinoso. Cabe-nos ratificar, assim, que Freud identificou uma correspondência entre a propensão das massas às ilusões e o distúrbio neurótico.

Em prosseguimento à nossa análise, verificamos, mais uma vez, o recurso polissêmico na denominação atribuída pelo cartunista ao sanduíche, o almoço para o qual o boiadeiro, o pato amarelo, convoca o *gado*, com recurso do berrante. Ao denominar de *X-Pasto*, o sujeito

do discurso remete não só ao sentido de vegetação utilizada para alimentar um rebanho, em ratificação à ilustração de um sanduíche recheado de capim, mas traz à tona o efeito de que se trata de uma comida ao gosto dos norte-americanos, o cheeseburger. Escapa, assim, no discurso, um duplo sentido, sendo um referente ao baixo intelecto do *gado*, representada pela palavra *pasto* e pelo desenho do capim dentro do pão, o que faz significar a burrice, e outro, pelo uso do X na composição do nome do sanduíche, já compreendido no imaginário social como análogo à palavra *cheese*, e que remete à reverência bolsonarista aos Estados Unidos.

Confirma-se, mais uma vez, o efeito de submissão, de pessoas acrílicas e movidas pela liderança de Jair Bolsonaro, fato que nos leva agora às proposições freudianas, mais precisamente àquelas que decorrem da inclusão da noção da horda primordial para compreensão do funcionamento psíquico das massas e de seus indivíduos. Ao referir-se aos seus estudos sobre os impactos da horda primordial na história da humanidade, sobretudo aos malefícios dessa horda no desenvolvimento das sociedades, diz que, no ano de 1912, baseou-se no pressuposto de Charles Darwin de que “a forma primordial da sociedade humana foi de uma horda governada soberanamente por um macho forte” (FREUD, 2019, p. 129) e retorna às suas análises sobre as massas:

As massas humanas nos mostram novamente a imagem familiar extraordinariamente forte em meio a um grupo de companheiros iguais, imagem também contida em nossa representação da horda primordial (FREUD, 2019, p. 130).

Nas suas considerações sobre o que chamou de “caráter sinistro e compulsório da formação das massas” (FREUD, 2019, p. 139), em função da sugestibilidade, Freud sugere que a origem desse fenômeno está na horda primordial e equipara o líder ao pai primordial e a benevolência das massas, em relação a ele, à tendência de submissão vinculada ao desejo de serem comandados pelo autoritarismo. Nessa perspectiva, a identificação gera a relação afetiva com líder e a intensificação desses afetos reduzem capacidade racional, então, a obediência ao líder “é uma convicção que não se baseia na percepção e no trabalho intelectual, e sim na ligação erótica” (FREUD, 2019, p. 139).

Sobre a redução da capacidade intelectual das massas, citamos, anteriormente, as afirmações de McDougall trazidas por Freud e que indicam que nas massas há uma supremacia de intelectos com níveis mais baixos sobre os intelectos mais bem

instrumentalizados. De volta à análise da charge, observamos que o cartunista reforça, sobretudo na imagem e no nome do sanduíche, uma desqualificação intelectual do *gado*, imprimindo os sentidos de idiotice e estupidez dos integrantes ao rebanho ao qual faz referência, precisamente, aos apoiadores do Presidente Jair Bolsonaro.

### Considerações finais

No percurso da análise que nos propusemos realizar, sob a regência teórica-metodológica da AD, buscamos refletir a respeito do funcionamento discursivo, suas possibilidades de dizer, em razão do seu vínculo ideológico e a matriz de sentido inserida na formação discursiva correspondente.

Foi possível observarmos, dentre outros, o movimento que se processou por força da ideologia e que impulsionou o sujeito à desidentificação e à identificação no âmbito de formações ideológicas, e, por conseguinte, de formações discursivas opostas. Essa mobilidade é o que constitui o sujeito como tal, dentro da dinâmica da história e da língua.

Analizamos as condições de produção que impactaram no discurso, bem como os recursos que possibilitaram tanto a repetição quanto a ressignificação de sentidos. Daí percebemos a atuação da criatividade que fez alguns sentidos contidos na charge irromperem regras do já dizível. Assim, o aporte teórico-metodológico da AD nos permitiu apontar, a partir do nosso gesto de interpretação, ecos da obra *Psicologia das massas e análise do eu*, datada de 1921, no discurso elaborado dentro do contexto político do ano de 2019.

Diante disso, resta-nos reiterarmos a relevância da exterioridade que nos permite perceber que o discurso não é fechado em si, que é arejado por interdiscursos, sopros da história e que é possível o diálogo entre gêneros textuais, no caso em questão, a charge e a produção de conhecimento, a investigação freudiana sobre o comportamento das massas e dos indivíduos pertencentes a um agrupamento, na repetição e na reelaboração de sentidos.

## Referências

- AZEVEDO, N. Linguagem e produção de sentidos: a perspectiva teórico-metodológico da Análise de Discurso. In: BARROS, I. (org.). *Ensino, texto e discurso*. Curitiba: CRV, 2014. p. 141-158.
- CAVALCANTI, C.; AZEVEDO, N. O triplex: a imagem como operadora de memória discursiva em charge. *Revista do Laboratório de Estudos Urbano do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, Campinas, v. 1, n. 24, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652441/18042>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- FREUD, S. 1856-1939. *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. (org.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- ORLANDI, E. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.
- ORLANDI, E. *Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. *Interpretação - Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.
- QUEM somos. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/quem-somos>. Acesso em: 2 dez. 2021.
- SANTOS, M. Imagem, memória e espaços enunciativos: a publicidade e o mercado como espaços de enunciação da/sobre a mulher. In: FONTANA, M.; FERRARI, A. (org.). *Mulheres em Discurso: identificação de gênero e práticas de resistência*. Campinas: Pontes, 2017. p. 43-64.
- SILVA, A. F. O que é massa de manobra? *O Fato*, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://ofatoal.com.br/coluna/44/o-que-e-massa-de-manobra>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- TEIXEIRA, V. Gado demais. *Humor Político – Rir pra não chorar*, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.humorpholitico.com.br/vitor/gado-demais/>. Acesso em: 6 dez. 2021.
- TEIXEIRA, V. Meu trabalho não é resposta de nada, é pergunta. Entrevista cedida a Julia Dolce e Norma Odara. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, 5 maio 2016. Disponível em:



<https://www.brasildefato.com.br/2016/05/05/vitor-teixeira-meu-trabalho-nao-e-resposta-de-nada-e-pergunta>. Acesso em: 9 dez. 2021.

## Discourse analysis of the political cartoon *gado demais*: From the effects of senses to the Group Psychology And the Analysis of the Ego

**Abstract:** This paper presents the analysis of the discursive functioning of the cartoon *Gado Demais*, by Vitor Teixeira, published on social networks, in 2019. This is the theoretical-methodological application of the Analysis of The French Line Discourse (AD), with the objective of analyzing the meanings mobilized by the cartoonist to elaborate a political critique of supporter sand the current Brazilian government. In this analysis, the movements of deidentification na didentification in opposite discursive formations are observed, within the scope of politics, as well as the slips of meanings and the operationalization of the metaphor in there signification of the already said. The effects of meanings and the irrelations with interdiscourse are referred to the presuppositions of The Psychology of the Masses and Analysis of the Ego, by Sigmund Freud, written in 1921. Of the reflections, instigating the actuality of the aspects addressed, we are particularly interested in the critical dialogue that Freud establishes with social psychology and anthropology to introduce propositions of psychoanalysis in the understanding of the psyche of the masses. To this end, the gesture of interpretation that seeks in the discursivity of the cartoon its relational dynamics with a discursive process that precedes it is used.

**Keywords:** Discourse analysis; Political cartoon; Group psychology.

**Recebido em:** 10 de janeiro de 2022.

**Aceito em:** 22 de maio de 2022.